

O Palestra Itália em disputa: fascistas e antifascistas no clube durante a década de 1920

MICAEL LAZARO ZARAMELLA GUIMARÃES*

Este estudo dedica-se à investigação da *Società Sportiva Palestra Itália* – agremiação fundada em São Paulo no ano de 1914 e atualmente designada *Sociedade Esportiva Palmeiras* – enquanto espaço de disputas ideológicas durante suas primeiras décadas de existência. Desenvolvido a partir do manuseio e análise de documentação primária (periódicos da imprensa operária e antifascista do período) e secundária (produção acadêmica sobre futebol, imigração e disputas ideológicas na Primeira República), o presente trabalho pretende mapear o contexto histórico em que se ambientavam estas disputas, identificando indivíduos e grupos de atuação destacada, bem como condições sociais e políticas do contexto, enredadas ao cenário desportivo e a trajetória específica do Palestra Itália. Consiste, portanto, em um recorte da pesquisa que venho desenvolvendo, atenta às disputas internas da comunidade italiana em São Paulo em torno do fascismo e sua correspondência com disputas que ocorriam na escala específica do clube, importante instituição articulada à *italianidade* em São Paulo no período.

Embora a produção historiográfica disponível sobre o Palestra Itália¹ já nos ofereça uma gama ampla de ricas contribuições, inclusive cruzando indiretamente com a problemática que nos orienta, a ênfase das abordagens referentes à construção de identidades em torno do clube acaba por concentrar-se constantemente no elemento étnico, e poucas vezes as tensões políticas e ideológicas – e sua relação com questões identitárias na torcida – são objeto de atenção. É neste sentido que justificamos a pesquisa em andamento, visando contribuir ao campo de investigação sobre associações, organizações e agremiações que, trazendo o aspecto étnico como elemento relevante na constituição de sua *comunidade imaginada* (ANDERSON, 2003: 33), isto é, da coletividade que irá se agrupar em torno de uma identidade específica, em um segundo momento tornaram-se espaço e objeto de disputas relativas a orientações político-ideológicas.

Em relação a tal tipo de tensão, no caso específico da comunidade italiana em São Paulo observava-se, ao longo das décadas de 20 e 30, a difusão da ideologia fascista orientada pelos consulados e órgãos oficiais representantes do governo italiano, e reproduzida com entusiasmo por membros da elite ítalo-paulista do contexto. Ao mesmo tempo, grupos e publicações

* Mestrando em História Social na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

¹ Destacamos os trabalhos de Araújo, Salun, Lourenço e Strepco (citados na bibliografia), que desenvolvem relevante investigação crítica sobre a história do clube. Vale comentar que nem todos centram-se exclusivamente no Palestra Itália.

antifascistas se articulavam dentro da mesma comunidade emigrada, visando não somente estabelecer uma resposta às tentativas de disseminação do fascismo, mas disputar a própria coletividade italiana em São Paulo, bem como suas variadas organizações e associações.

Na década de 20, uma das mais expressivas agremiações vinculadas à comunidade italiana em São Paulo já era, sem dúvida, a *Società Sportiva Palestra Itália*. Fundado em 26 de agosto de 1914, o clube orientava-se, desde sua criação, pelo interesse de que este se tornasse “o time de futebol representativo da comunidade italiana fixada na cidade” (ARAÚJO, 1996:106), buscando afirmar sua *italianidade* perante a sociedade receptora, na qual eram frequentes manifestações nativistas marcadas por “discriminação social, cultural e racial” (LESSER, 2015:133). De acordo com José Renato de Campos Araújo, estas manifestações também eram frequentes no âmbito esportivo, apresentando-se nas colunas esportivas da imprensa paulistana do contexto (ARAÚJO, 1997: 30). A afirmação desta *italianidade* consolidou a identidade oficial da agremiação, que passou a ser conhecida como o “clube da colônia italiana”.

O surgimento do clube, em si, fez parte de um amplo processo de construção da *italianidade* na diáspora, junto a outras diversas associações. Desde fins dos anos 1890 os extratos médios e populares da comunidade italiana em São Paulo já vinham protagonizando a formação de associações diversas, como sociedades de socorro mútuo (BIONDI, 2011:54) e clubes ancorados na etnicidade. Tais agremiações eram profundamente diversas no referente a suas dimensões, aos grupos sociais que se organizaram para sua criação e a representatividade e alcance que obtinham.

Entre os exemplos mais conhecidos, encontramos instituições vinculadas à burguesia italiana da cidade de São Paulo, como o *Circolo Italiano* (criado em 1910) e o *Istituto Dante Alighieri* (fundado em 1911). No entanto, a efervescência do associativismo de italianos das classes trabalhadoras, conforme demonstrado por Biondi, também deu origem a uma série de outras associações e clubes de caráter interclassista dignos de nota, como a Lega Lombarda e a Unione Fraterna Della Lapa e Água Branca (TRENTO, 1989:244).

O Palestra Itália, desde sua origem, apresentava um quadro social visivelmente marcado pela maciça adesão de operários e trabalhadores de origem italiana, bem como elementos da classe média e comerciantes (SALUN, 2015:62), o que de imediato revelava, no contexto, um contraponto aos clubes da aristocracia estabelecidos na cidade que monopolizavam os campos

do “futebol oficial”². A aproximação da própria elite ítalo-paulista ao clube se deu em um momento seguinte, não participando da fundação do clube em si.

Com a entrada de tal grupo no clube, a convivência entre distintos setores sociais dentro do clube criou um “espaço de mediação cultural entre os múltiplos atores sociais da comunidade ítalo-paulista, [...] em que o discurso de *italianidade* ofuscava qualquer discurso classista, mas que não impedia a existência de conflitos internos” (STREAPCO, 2016:168). Um exemplo marcante que sinaliza a existência de tais conflitos é recuperado por Angelo Trento, ao comentar o episódio no qual facções opostas dentro do clube “chegaram às vias de fato, em 1925, por ocasião do aniversário da Marcha sobre Roma” (TRENTO, 1989:328). A partir de tal episódio, percebemos a existência de um campo de disputa dentro do clube Palestra Itália, reproduzindo as tensões e enfrentamentos que já se faziam presentes desde 1921 entre fascistas e antifascistas no seio da coletividade italiana em São Paulo (BERTONHA, 1999:56).

O fascismo paulista, de acordo com as vastas contribuições de Trento e Bertonha, ambientou-se na cidade ao longo das décadas de 20 e 30, inicialmente a partir da criação de órgãos próprios, como o *Fascio de São Paulo* (inaugurado na cidade em março de 1923), e os *Dopolavoro*, espaços dedicados especialmente ao envolvimento dos operários e trabalhadores em atividades que o afastassem de ambientes considerados “[...] nocivos a sua saúde física e moral, como tavernas, casas de jogo e prostituição, círculos socialistas, etc.” (BERTONHA, 1998:35).

De acordo com Trento, os membros da elite italiana em São Paulo – tanto aqueles que migraram com recursos quanto os que enriqueceram no Brasil – foram os primeiros componentes aos quais a política externa fascista procurou se dirigir, obtendo uma “simpatia difusa” com “diferentes graus de intensidade” neste primeiro momento (TRENTO, 1989:322). Em 1924, no entanto, grande parte dos representantes da elite ítalo-paulista (especialmente industriais e fazendeiros) já se encontravam alinhados à orientação fascista. Os ricos industriais Rodolfo Crespi e Francesco Matarazzo, por exemplo, já constavam como importantes partidários do fascismo, mostrando-se engajados ao regime em suas declarações e colaborando com fartas contribuições.

Os órgãos de destaque da imprensa italiana em São Paulo – como o *Piccolo* e o *Fanfulla* – deslocaram-se, por sua vez, de uma postura de desconfiança e moderação ao efetivo alinhamento às diretivas fascistas a partir da segunda metade da década de 20. De acordo com

² O termo refere-se àquilo que Streapco define como “o futebol praticado pelas elites paulistanas, organizado por meio de ligas desde o início do século XX”. Cf. STREAPCO, 2016:60.

Trento, no entanto, “menos simples e, sobretudo, menos rápido foi o assalto fascista às associações” (TRENTO, 1989:328). Até mesmo instituições vinculadas de forma mais arraigada à elite ítalo-paulista, como o *Circolo Italiano* e o *Istituto Dante Alighieri*, vivenciaram eventuais episódios de disputa, ainda que possuíssem em seus corpos diretivos indivíduos simpáticos ao fascismo, ou até mesmo diretamente filiados ao *Fascio*.

De acordo com Bertonha, “a instrumentalização das coletividades italianas do exterior era importante dentro da política externa do regime fascista” (BERTONHA, 1998:27). Desta forma, a ampla diversidade de associações, clubes e instituições articuladas em torno da *italianidade*, compostas por indivíduos de distintas classes sociais, progressivamente se tornava objeto de interesse primordial do fascismo em São Paulo. Tal interesse atrelava-se a um esforço mais amplo, que já se manifestava com força na imprensa alinhada ao fascismo e outras ações variadas de propaganda voltadas à comunidade italiana, em vincular a *italianidade* ao apoio ao regime de Mussolini na Itália.

No caso específico do Palestra Itália, os nomes de industriais italianos de destaque (como Rodolfo Crespi e Francisco Matarazzo) passaram a aparecer vinculados à direção do Palestra Itália a partir de 1920 (STREAPCO, 2016:172), embora haja pistas de seu envolvimento e interesse no clube desde 1916. A aproximação destes setores se deu em meio a uma série de esforços do clube em ser reconhecido nas instâncias oficiais do futebol paulista, controlado pelas elites. Ao mesmo tempo, discutia-se a possibilidade de compra do Parque Antarctica pelo clube, configurando uma empreitada, no mínimo, custosa.

Se, por um lado, a aproximação dos ricos industriais italianos poderia auxiliar o clube nestes esforços, para tal segmento a relação direta com uma entidade cada vez mais representativa da coletividade italiana no âmbito futebolístico também era de sumo interesse. Streapco destaca que “desde 1907, por exemplo, Francisco Matarazzo apelava para o discurso da identidade italiana para esvaziar movimentos grevistas dentro de suas empresas” (STREAPCO, 2016:168), e o segmento patronal como um todo, na cidade de São Paulo, esforçava-se em obter o controle sobre as organizações e atividades do tempo livre ocupadas pelos trabalhadores (DECCA, 1987:88). Estas práticas, de acordo com Boris Fausto e Maria Auxiliadora Decca, intensificaram-se após a Greve Geral de 1917.

A aproximação do empresariado italiano com o clube, portanto, pode ser entendida no âmbito de seu envolvimento com a questão da *italianidade*, elemento identitário que orientava, então, uma extensa diversidade de associações e entidades de caráter interclassista; mas também devemos compreendê-la em relação a seus próprios interesses de classe, tendo em vista a

relevância do futebol enquanto atividade que ocupava o tempo livre dos trabalhadores na cidade, e a ampla adesão das camadas populares de origem italiana à torcida do Palestra Itália.

Ao longo da década de 20, a aproximação deste empresariado com o fascismo ecoou diretamente no Palestra Itália, assim como nas demais instituições que tal segmento compunha. O esforço fascista de conquistar os espaços de vida coletiva da *italianidade* em São Paulo encontrava seus agentes nos integrantes simpáticos ao fascismo dentro das instituições e associações. No caso do Palestra Itália, sua presença explícita verifica-se pelo menos desde 1925, no episódio de confronto entre facções opostas dentro do clube, anteriormente mencionado.

A este somam-se outros acontecimentos, como festas realizadas por sócios adeptos do fascismo nos salões do próprio clube durante a década de 30 (SALUN, 2007:236), e o comício do deputado Federzoni no estádio do Palestra Itália em 1937, episódio relatado no jornal fascista *Giovinezza*, recuperado por Trento (TRENTO, 1989:303). Este mesmo autor destaca, no entanto, que a ocorrência de tais eventos não deve ser interpretada como uma adesão do clube ao fascismo “ditada por razões ideológicas” (TRENTO, 1989:333), mas como um alinhamento ao consulado, “cuja inimizade era extremamente perigosa para a sua própria sobrevivência” (TRENTO, 1989:332). No mesmo sentido, Alfredo Oscar Salun menciona o desconhecimento, em sua análise de fontes primárias sobre o período, de qualquer “indicação de uma relação entre o clube com os grupos fascistas organizados que agiam no país” (SALUN, 2007:238).

Se a existência de simpatizantes do fascismo dentro do clube pode ser indicada a partir de tais episódios, sem atestar um vínculo institucional do clube com quaisquer organizações fascistas, a resistência de uma facção oposta no enfrentamento ocorrido em 1925 nos sugere que, assim como outros foros da vida coletiva italiana em São Paulo, o Palestra Itália encontrava-se sob disputa durante a década de 20.

A respeito da oposição ao fascismo, Bertonha comenta sua presença entre a comunidade italiana em São Paulo pelo menos desde 1921 em iniciativas individuais e isoladas (BERTONHA, 1999:60). Inicialmente, a imprensa ítalo-brasileira tratava o fascismo com muita prudência, e especialmente em alguns periódicos anarquistas, como o jornal *Alba Rossa*, verificava-se o surgimento de posturas assumidamente antifascistas. A partir de 1923, jornais especificamente antifascistas começaram a surgir, e no ano seguinte, especialmente após o assassinato em Roma do deputado socialista Giacomo Matteotti por um comando fascista, surgem as principais instituições e referências de um antifascismo organizado no Brasil e na cidade de São Paulo.

Bertonha destaca que o assassinato de Matteotti explicitou “não só a brutalidade do fascismo, como o fato de que ele não seria algo provisório, o que estimulou a criação de estruturas antifascistas mais organizadas” (BERTONHA, 1999:60), como a *Unione Democratica*, posteriormente rebatizada de *Lega Antifascista*, e a *Associazione Giacomo Matteotti* (TRENTO, 1989:371). Tais organizações não obtiveram grande sucesso, diferentemente do esforço realizado simultaneamente na criação de uma imprensa antifascista em São Paulo. O grande marco deste esforço, foi, sem dúvida, a criação do jornal *La Difesa* por Antonio Piccarolo, em 1923.

Embora o jornal se apresentasse como porta-voz de diversas tendências reunidas na luta contra o fascismo, as tendências mais à esquerda eram vistas com desconfiança por Piccarolo, ganhando espaço no jornal somente a partir de 1926, quando sua direção foi assumida pelo antifascista italiano Francisco Frola. Reconhecido militante político antifascista na Itália, Frola emigrou para o Brasil especificamente para assumir a direção do jornal.

A despeito de sua origem nobre, chegando até mesmo a portar o título de conde, a trajetória política de Frola era marcada pela proximidade com o socialismo italiano. À frente do *La Difesa*, acolheu a participação de reconhecidos militantes italianos em São Paulo, como Goffredo Rosini, Ertulio Esposito (comunistas), Oreste Ristori e Alessandro Cerchiai (anarquistas). Seu objetivo era a “união total de partidos e forças contra o fascismo” (BERTONHA, 1999:75), diferentemente de Piccarolo, cujo anticomunismo o fez se afastar de Frola e criar, em 1928, de um novo jornal (*Il Risorgimento*). A existência de tais discordâncias e cisões internas nos revela um cenário heterogêneo do antifascismo em São Paulo, que comportava variados espectros políticos.

Socialmente, o antifascismo não encontrou maior apoio entre uma classe específica. Se o fascismo encontrava maior adesão entre o empresariado ítalo-paulista e apresentava baixa penetração entre os segmentos mais pobres da coletividade italiana em São Paulo, o antifascismo tampouco obteve grandes sucessos entre tais grupos. De acordo com Trento, “se pudéssemos utilizar um termo para caracterizar a coletividade italiana no Brasil até pouco antes de 1930, esse termo seria, sem dúvida, ‘afascista’” (TRENTO, 1989:334), o que indica que ao longo de toda a década os italianos e seus descendentes instalados em São Paulo encontravam-se no centro de uma disputa, sem necessariamente implicarem-se na defesa ou adesão a um ou outro grupo.

Em relação ao conteúdo dos diversos jornais antifascistas de São Paulo em atividade durante o período, embora fossem apresentadas com clareza as suas divergências e tendências políticas variadas, mantinha-se um senso comum de propaganda inflamada contra o fascismo,

buscando expor suas mazelas e contradições a todo custo. Analisando uma pequena amostragem de edições destes jornais, notamos a recorrência desta orientação na seleção das notícias veiculadas. As mesmas poderiam se referir a acontecimentos ocorridos na Itália, no Brasil, ou em outros locais que abrigassem comunidades emigradas italianas (algumas edições do *La Difesa* apresentavam correspondentes internacionais), desde que se centrassem na atuação de antifascistas (evocadas positivamente) ou fascistas (expostas negativamente).

Às críticas permanentes ao fascismo acrescentava-se um senso claro de disputa da *italianidade*, presente em artigos que se esforçavam em desvincular o sentimento nacional de qualquer apoio ao regime fascista. De acordo com Trento, “a ação do antifascismo no Brasil concentrou-se imediatamente na negação da validade da equação antifascistas-antiitalianos, agitada por vários setores, com tons cada vez mais agressivos” (TRENTO, 1989:355). A consciência desta disputa se fazia presente nos diversos jornais, em textos dirigidos aos italianos em São Paulo e aos próprios brasileiros, conforme exemplificado pelo artigo “O que nós pedimos ao Brasil”, publicado em 1928 no jornal *Il Risorgimento* e recuperado por Trento: “o que nós pedimos é não acreditar, como os fascistas vêm afirmando, que Itália e fascismo são a mesma coisa, e que o povo italiano tem aderido ao fascismo”³.

Presente na organização de instituições próprias e veículos de imprensa que pudessem estabelecer um contraponto às tentativas de penetração do fascismo na coletividade italiana em São Paulo, a disputa antifascista da *italianidade* também se fazia presente, durante a década de 20, nos espaços da vida coletiva italiana que vinham sendo assediados pelos fascistas. O antifascismo sofreu derrotas na vasta maioria destas associações e instituições, e a partir de 1930, aquelas que não se encontravam alinhadas ao fascismo organizado, encontravam-se, ao menos, submetidas ao consulado e suas orientações, o que resultava no isolamento de qualquer atividade de caráter declaradamente antifascista.

Em 1930, um artigo de Mario Mariani (importante liderança antifascista) publicado no *La Difesa* orientava o afastamento dos antifascistas de quaisquer associações ideologicamente heterogêneas, indicando um reconhecimento estratégico da derrota antifascista na disputa destes espaços. Em virtude das recorrentes situações de ameaça e assédio (por vezes violento), a nova orientação propunha a concentração dos antifascistas em espaços exclusivamente alinhados a sua plataforma, retrocedendo em relação à disputa que vinha sendo operada ao longo da década anterior nos variados espaços da vida coletiva italiana em São Paulo. Após 1930, a única exceção era a *Legha Lombarda*, espaço que mantinha suas portas abertas às

³ “O que nós pedimos ao Brasil”, in *Il Risorgimento*, 1(3), 1º fev. 1928, apud TRENTO, 1989:357.

atividades antifascistas. Em 1936, no entanto, uma manobra política para a conquista da administração da instituição concretizou a vitória final do fascismo na disputa pelos foros da vida coletiva italiana em São Paulo.

Identificados, portanto, os atores principais do contexto, percebemos que a década de 20 ambientou não somente o surgimento de grupos fascistas e antifascistas entre a coletividade italiana em São Paulo, mas também uma disputa direta destes grupos pela própria ideia de *italianidade*, materializada na disputa das associações, instituições e demais espaços variados da vida coletiva italiana na cidade.

O auge desta disputa parece ambientar-se no meio da década, momento em que a organização de uma estrutura antifascista aprofundava seu fôlego com o surgimento de publicações relevantes e a criação de associações próprias, ao mesmo tempo em que o interesse fascista pelos espaços da vida coletiva italiana na cidade se materializava em um assédio mais aprofundado sobre as instituições, protagonizado por nomes importantes da elite italiana do contexto. Tal momento, marcado por um acirramento da disputa pela coletividade italiana, foi justamente o contexto em que se ambientou o conflito ocorrido no clube Palestra Itália, marcado pelo enfrentamento de facções divergentes acerca da comemoração do aniversário da Marcha Sobre Roma.

A ocorrência de choques deste tipo nos aponta que a agremiação não estava alheia ao contexto de disputa que se ambientava na coletividade ítalo-paulista, e reproduzia no âmbito do futebol os enfrentamentos que se verificavam em outros espaços da sociedade paulistana do contexto com seus diversos atores (fascistas e antifascistas, bem como a grande massa “afascista”).

A partir da década de 30, no entanto, a conquista das associações e instituições de destaque da vida coletiva italiana na cidade passou a configurar relativa hegemonia do imaginário fascista sobre a *italianidade*, eliminando a oposição antifascista na disputa por estes espaços. Conforme indicado anteriormente, diversas associações e instituições alinharam-se menos por convicção ideológica, e mais por interesse ou prudência, priorizando a manutenção de boas relações com o consulado italiano. Este parece ser o caso do Palestra Itália, visto que, embora exista documentação que comprove a realização de eventos simpáticos ao fascismo nas dependências do clube durante a década de 30, o envolvimento institucional do clube com o fascismo organizado no contexto ainda carece de fontes, verificando-se muito mais o seu alinhamento ao consulado, conforme destacado por Trento.

A existência de choques durante a década de 20, no entanto, nos sugere que a penetração deste segmento fascista no clube não foi simples nem rápida (assim como em diversas outras

associações da comunidade italiana em São Paulo), reforçando a ideia, aqui apresentada, de que a unidade identitária estabelecida no clube em torno da *italianidade* confrontava divergências referentes a orientações político-ideológicas – no caso, o embate entre fascismo e antifascismo – que disputavam esta própria unidade identitária: ao disputar o Palestra Itália, fascistas e antifascistas disputavam a própria *italianidade*.

Bibliografia

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- _____. O Palestra Itália e sua trajetória: associativismo e etnicidade. *Revista Brasileira de Estudos da População*, Brasília, v. 14, n. 1/2, p. 19-50, 1997.
- BERTONHA, João Fábio. “Burgueses e operários: a representatividade social do antifascismo socialista italiano (São Paulo, 1923-1934). *Revista de História Social*, Campinas, n.1, p. 117-144, 1994.
- _____. *Sob o signo do Fascio: o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943*. Tese de Doutorado, Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- _____. *Sob a sombra de Mussolini: os italianos em São Paulo e a luta contra o fascismo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1999.
- _____. Trabalhadores imigrantes entre fascismo, antifascismo, nacionalismo e lutas de classe: os operários italianos em São Paulo entre as duas guerras mundiais. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010.
- BIONDI, Luigi. “Aventuras e desventuras da Sociedade Italiana de Socorro Mútuo ‘Lega Lombarda’”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH*, São Paulo, jul. 2011.

- _____. *Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890-1920)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- HALL, Michael. Entre a etnicidade e a classe em São Paulo. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010.
- LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. Tradução de Patrícia de Queiroz de Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- LOURENÇO, Marco Aurélio Duque. *Um rio e dois parques: a formação da rivalidade entre Corinthians e Palestra Itália durante o período de construção de seus estádios (1917-1933)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.
- MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.
- SALUN, Alfredo Oscar. *Corinthians e Palestra Itália: futebol em terras bandeirantes*. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2015.
- _____. *Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou tudo Buona Gente?* Tese de Doutorado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.
- SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Os seguidores do Duce: os italianos fascistas no Estado de São Paulo*. Inventário Deops: módulo V – os italianos. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001.
- STREAPCO, João Paulo França. *Cego é aquele que só vê a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel; Istituto Italiano di Cultura di San Paolo; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.
- _____. Organização operária e organização do tempo livre entre os imigrantes italianos em São Paulo (1889-1945). In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração:*

trabalhadores italianos no Brasil (séculos XIX e XX). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010.